

VIAGEM PELO OESTE DO BRASIL

IGANCIO DALCIM



Ignacio Dalcim

Viagem ao oeste do Brasil



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Ignacio Dalcim

Viagem ao oeste do Brasil

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 07/03/2013

D138v Dalcim, Ignacio

Viagem ao oeste do Brasil [recurso eletrônico] /
Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-93-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Diários – Descrições e viagens. 2. Brasil, Oeste.
I. Título.

CDU: 910.4(81)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



VIAGEM pelo OESTE DO BRASIL

“Viajar pela ‘periferia’ do Brasil pode ser uma aventura arriscada e cansativa, mas será sempre surpreendente e reveladora...”

Presbítero

Quando o pároco de Marau, frei Carlos Jaroceski me convidou para acompanhá-lo de carro até o Acre, não resisti. Já tinha “sobrevoadado” esta região, tão significativa para os defensores da Ecologia e Meio Ambiente, em duas ocasiões, em 96 e 99 quando estive lecionando História da América Latina, em Cursos de Férias em Rio Branco e Porto Velho, mas isso pouco contribuiu para conhecer a realidade da região. Por isso, decidimos partir a família toda: Lena, Raquel, eu e o fr. Carlos, todos na Scénic 2.0 Aut DGV 4272. Elas já tinham a experiência de outras viagens como pelo Brasil central em 2005 e pela Patagônia em 2007, quando rodamos até Ushuaia, percorrendo boa parte da Carretera Austral e cruzando a Cordilheira dos Andes, primeiro na altura do Lago Buenos Aires/Puerto Ibañes, depois Futalefú/Esquel, mais adiante em Bariloche/Osorno e, finalmente, Los Andes/Mendoza.

DIA 10 – Terça: Marau a CAMPO GRANDE – 1.232 km

Despertamos às 4 horas, pois nossa meta era pernoitar em Campo Grande, o que aconteceu sem maiores problemas. Por opção do Frei Carlos seguimos por Chapecó, onde chegamos no clarear do dia e, um pouco além, fizemos a primeira parada para um café. O almoço aconteceu na Sede Alvorada, às margens da auto-estrada que liga Cascavel a Toledo, próximo à casa da irmã do pe. Valdir Begnini. A travessia sobre o lago de Itaipu, em Guaíra, aconteceu pouco antes das 13 horas, horário local. Depois foi uma sucessão de plantios de soja, cana, criação de gado e algum cerrado.



Próximos do Pantanal as aves roubam a cena



Cidades surgidas à beira da Estrada

A BR 163, a mesma que passa por Sorriso e Sinópolis, com uma pista razoavelmente em bom estado, convida a viajar acima dos 100 km/h. Estávamos no Planalto Central (?) e, por volta das 20 horas (do MS), quando o sol já tinha desaparecido no horizonte, nos hospedamos no hotel União, do outro lado de Campo Grande. A primeira vez que passei por aqui foi de trem, em 1982, rumo a Corumbá, quando com o Cláudio Prescendo estivemos visitando os “irmãozinhos” Reges e o Edson em Titikachi, 280 km além de La Paz, na fronteira com o Peru. Fiquei sabendo, a pouco, que o pe. Edson Tasqueto Damian aceitou a sua nomeação como bispo de Cachoeira, na longínqua Roraima.



DIA 11 – Quarta: Campo Grande, Rondonópolis, CUIABÁ, Cáceres, Comodoro - 1.335 km

Levantamos cedo novamente e a Lua foi nossa companheira até a chegada do Sol, próximos de Coxim, onde tomamos café. Por volta das 8h entramos no estado de Mato Grosso. O que mais víamos pelo caminho eram plantações de soja, cana, milho, um pouco de café e criação de gado. A terra roxa (vermelha) é sinal de produtividade. A geografia do chamado Planalto Central, uma mistura de ondulações e planícies, numa altitude variante entre os 200 e os 700 metros, só se transformando em longas descidas e/ou subidas nas proximidades de algum rio.



Soja a perder de vista nos chapadões do Mato Grosso



A terra roxa do serrado em tempos de chuva

Pouco antes das 10h chegamos a Rondonópolis e, daí por diante, o tráfico de caminhões tornou-se mais intenso, exigindo mais da Scénic nas ultrapassagens. Agora podia-se avistar ao longe alguns montes e pequenos cerros.

Quando decidimos parar para o almoço, já próximos de Cuiabá, tínhamos percorrido 675 km. Almoçamos no restaurante Sinuelo, de propriedade de gaúchos de Flores da Cunha, o melhor de toda a nossa viagem. Criativos *ventiladores com vaporização* amenizam as altas temperaturas e, por vezes, a falta de umidade. Aqui provamos os primeiros sucos de Açaí e Cupuaçu. Ao acertar a conta descobri que o Caixa, da família Secco, passara a infância em Lagoa Vermelha, onde ainda mora uma irmã dele, na Vila Gaúcha. Além dele um outro garçom, também natural da Cidade da Amizade, guardam boas lembranças daqueles tempos. O bom ambiente não foi suficiente para me curar do latejamento constante que sentia na nuca, desde a madrugada. Por sugestão de um atendente de farmácia, apelei para um *sedalex*, pois a pressão arterial estava acima dos 14.



Restaurante dos gaúchos próximos a Cuiabá

Depois de Cuiabá, já na BR 070 (até Pto.Espiridião, seguindo depois pela BR 174 até Comodoro, onde se prossegue pela BR 364 até Rio Branco, no Acre), o trânsito de caminhões diminuiu, aumentou o cerrado e também a serra. Segundo nos descrevia o frei Carlos, à nossa esquerda ficava a zona do Pantanal e à direita a Serra dos Parecis.



Um pouco além de Cáceres atravessamos o rio Paraguai e mais adiante diversos outros rios, alguns tão volumosos parecendo impossível não ser maior do que parece ser, lá em Assunção.

Até Comodoro, além de Pontes de Lacerda e outras pequenas povoações, o caminho é quase deserto. Pernoitamos em Comodoro, no hotel homônimo, ao lado da praça central, onde passeamos e fizemos um lanche. O clima estava agradável, em torno dos 21°C. Comodoro tem mais de 30 mil habitantes e parece ser uma cidade respeitável.



Em Ji-Paraná os primeiros pingos de chuva



chuvas na planície de terra roxa

DIA 12 – Quinta: Comodoro, Vilhena, Pimenta Bueno, Cacoal, P. VELHO, Rio Branco – 1.313

Quando chegamos a Pimenta Bueno, pouco antes das 8 hs, já tínhamos despachado 300 km, faltando, todavia, mais de mil para chegarmos a Rio Branco, nosso destino principal.



A serra dos Parecis ou de São Vicente (?)



A BR 364 em meio à floresta amazônica

Pouco antes de Ji-Paraná, onde estavam consertando uma ponte, tivemos que percorrer uns 40 km de desvio, até entrar pela cidade com chuva. Ji-Paraná, com mais de 60 mil habitantes, é a diocese que recebeu um novo bispo, oriundo de Santa Cruz do Sul. Ficamos impressionados com a quantidade de motos circulando por aqui. Só no estacionamento da Polícia Federal estavam retidas, seguramente, mais de 200 motos.

O farto almoço, à base de chuleta, frango e peixe, aconteceu em Ariquemes, às 11,45, quando no RS já eram quase duas da tarde.





Vila estação da ex-Ferrovia Madeira-Mamoré



A bandeira da Bolívia no encontro dos rios

A pouca chuva que tivemos pela manhã, se repetiu na parte da tarde, já próximos de Porto Velho. Felizmente a chuva foi pouca e, por volta das 17 h já estávamos na Balsa sobre o rio Madeira.



A balsa chegando às margens do



Rio Madeira em Rondônia – próximos à Bolívia

A travessia demorou pouco mais de uma hora, passamos pelo controle de fronteira estadual sem problemas e às 20 h estávamos na Av Chico Mendes, em Rio Branco. Seguindo as informações da ir. Mariavana, pouco tempo depois chegávamos ao Centro de Treinamento Diocesano. As irmãs Mariavana e Maddalena nos acolheram maravilhosamente, hospedando-nos nos apartamentos dos fundos, debaixo da mata, próxima ao rio Acre. Lena e Raquel estavam bastante cansadas e, depois de um banho, de uma sopa à italiana e conversa amigável, fomos todos descansar.

DIA 13 – Sexta: RIO BRANCO

Este foi um dia de descanso. Pela manhã visitamos a construção de uma Escola das Irmãs Servas de Maria na região onde se situa a Nova Universidade de Rio Branco, o movimentado Mercado próximo à Rodoviária e a espaçosa Igreja de Santa Inês. À tarde a ir. *Mariavana* nos levou ao Parque Chico Mendes, onde a Raquel se divertiu bastante e o passeio se tornou uma boa oportunidade para conhecer um pouco da flora e da fauna da Amazônia, além de seu folclore e lendas da floresta. Ainda não provamos o “tacacá” – espécie de sopa preparada com caldo de mandioca e jambú, uma erva tipo agrião, que contribui para que os lábios e a língua amorteçam. O tacacá é servido em cuias de coco.

Em Rio Branco reside metade dos 650 mil habitantes do Estado do Acre, incorporado em definitivo ao território nacional pelo Tratado de Petrópolis de 1903, depois reduzido em tamanho pelo Novo Tratado com o Peru em 1909 aos atuais 152 mil quilômetros quadrados.

A gênese deste Estado do extremo oeste brasileiro está intimamente ligada à disputa pelos seringais da Amazônia. Quando o governo central nada fazia em defesa dos brasileiros frente às investidas dos bolivianos, Luiz Galvez de Arias, com grande habilidade política e



estratégica, enfrentou as forças comandadas por José Manuel Pando da Bolívia fundando a *República Independente do Acre* no dia 14 de julho de 1899, com a célebre e sintomática declaração: “*Entre a Bolívia e o Brasil não podemos vacilar e já que não podemos ser brasileiros, resolvemos não ser bolivianos*”. José Plácido de Castro, agrimensor natural de São Gabriel, RS, foi o líder máximo da Guerra de 1902 a 1903, empreendida pelos acreanos que expulsaram os contingentes militares bolivianos da região. Epaminondas Jácone foi o 1º governador do Acre unificado.





No Parque Chico Mendes



choupana para defumação do látex das seringueiras

O ambientalista Chico Mendes, assassinado em 1988, em Xapuri, que lutou para que as condições de vida dos seringueiros fossem respeitadas na mesma medida do uso responsável dos recursos naturais, contribuiu decisivamente para difundir o conceito de “desenvolvimento sustentável”, tão em voga em nossos dias. Seus ideais foram assumidos pelos líderes do governo acreano dos últimos anos (do PT), colocando o Estado em destaque no cenário nacional e internacional.



O palácio dos indígenas



Recanto das fábulas da Floresta Amazônica

A Rio Branco de hoje não é mais aquela de uns doze anos atrás, quando estive por aqui pela primeira vez e Jorge Viana principiara a limpeza e organização da cidade.



Passeando com a Ir. Marivana no centro de Rio Branco



comendo sorvete às margens do Rio Acre

À tardinha estivemos no Mercado Artesanal, caminhamos pela Ponte dos Pedestres, construída em curva, visitamos a Catedral N.S. de Nazaré, onde o pe. Máximo pregava com muita empolgação, vimos o monumento a Chico Mendes na praça em frente aos prédios do Governo do Estado, telefonamos para nossas casas e jantamos na Pizzaria Princesinha, ao ar livre. Não choveu e o clima estava agradável. O Centro de Treinamento estava borbulhando de jovens em retiro, nada que atrapalhasse um repouso necessário a fim de viajarmos no dia seguinte, a convite da ir. Mariavana, até a fronteira com a Bolívia e o Peru.



DIA 14 – Sábado: Xapuri, Epitaciolândia/ Cubija.

Ao longo dos 340 km pela BR 317 ou “Estrada do Pacífico”, vimos extensas fazendas de gado, plantações de cana, milho, algumas plantações de soja e serrarias abandonadas como a do padre e dos Maffi, já próximos de Epitaciolândia. No meio da abundante pastagem verde se destacam as castanheiras, cada vez mais raras e a mata ao longe. De quando em vez uma sede de fazenda, alguma capela ou igreja pentecostal, muitas estradas de chão batido, que por aqui são classificadas de Ramal. Por elas transitam caminhões que fazem às vezes de ônibus e, com certeza, quando atolam no barro os passageiros é devem dar um jeito.



Pastagens e Castanheiras a beira da Estrada do Pacífico

No meio da tarde, dobramos à direita, passando por debaixo de um Majestoso Portal, e depois de percorrer a *Estrada da Borracha*, chegamos a Xapuri, fundada em 1904, no tempo da lucrativa exploração dos seringais. Pouco antes, a ir. Mariavana nos explicava: “*Por aqui, a nossa direita, ficam as terras do fazendeiro Darli, aquele que mandou seu filho Darci assassinar Chico Mendes.* Em Xapuri visitamos a sepultura de Chico Mendes e a famosa *casa azul*, nos fundos da qual foi assassinado em 22.12.1988. Do outro lado da rua mal cuidada, o *Memorial Chico Mendes*, agora sob a direção da filha do “Mártir da Ecologia”. Dentre os muitos escritos, colocados em painéis nas paredes desta casa, um deles dizia que Euclides Távora repassou ao jovem Chico Mendes, na década de Sessenta, as primeiras noções socialistas. Então lembrei-me de que a *Coluna Prestes*, que iniciara sua Marcha Itinerante Brasil a fora desde Santo Ângelo no RS, de fato passou por estas terras longínquas, desfazendo-se em solo boliviano.



Início da Estrada da Borracha



O local do crime – chumbos cravados na porta

Sempre sob a orientação da ir. Mariavana procuramos pelo pe. Chagas, ex-seringueiro, pároco atual da matriz São Sebastião. A rua em frente à igreja, como diversas outras, estão pavimentadas com tijolos vermelhos. Enquanto percorríamos a mundialmente conhecida Xapuri, a ir. Mariavana nos lembrava de que esta é também a terra natal do médico Adib



Jatene, do jornalista Armando Nogueira e da roteirista de novelas Glória Perez. Este rincão, um dos últimos redutos geográficos a se tornar território nacional, foi, recentemente, palco de alguns fatos pitorescos como a do Frei Mauro que, dois anos depois de assistir a um casamento, ficou com a noiva; ou a do pe. Gílson Pescador, primo de Dom Moacir Grechi, que roubou a mulher do prefeito e hoje advoga em Rio Branco. Por aqui alguém pediu para o pe. Luis Ceppi abençoasse um Motel no dia de sua inauguração. Poucos quilômetros antes de retormarmos a BR 317 cruzamos por uma indústria de preservativos a base de látex.

Lenita não simpatizou com a “*Princezinha do Acre*”, disse se parecer com a cara do Enéias, que também nasceu por aqui. Mas, com certeza, Xapuri é bem mais famosa do que nossos locais de origem: Tupanci e Tapejara.

Depois chegamos à cidade de Epitaciolândia, cujo nome esquisito foi logo captado pela Raquel. Por aqui a ir. Mariavana trabalhou muitos anos, tendo até recebido o título de cidadã epitaciolandesa, benemérita da comunidade que a tem muito em conta. Na velha casa de madeira, onde nos hospedamos naquele sábado à noite, continuam residindo três irmãs, sendo uma delas italiana, a Ir. Patrícia. A ir. Mariavana nos mostrou os fundos da casa, local onde um cunhado da ir. Anna Maria, que veio da Itália para visitá-la, com certa semelhança com Dom Moacir, foi alvejado por pistoleiros, a mando de latifundiários da região. Felizmente a má pontaria evitou mais uma morte injusta e os mandantes, por decreto da mãe natureza provavelmente já apodreceram, depois de suas almas terem “viajado” para além das fronteiras de seus latifúndios.

Nesta região tem muitos gaúchos. “*Aquela serraria era dos Maffi, gente muito boa*”, explicava a ir. Mariavana. *Aquela casa é a sede de fazenda de Da. Helena, uma Senhora natural de São Paulo, que muito colaborou na Missão. Estas entradas de terra, que seguem para o interior, são classificas por Ramal 1, 2, 3... etc, semelhante às Linhas da colonização italiana no RS. Lembro que, já próximos de Assis Brasil, uma placa dizia: Ramal 76. Quantas vezes viajamos pelo interior, visitando famílias de gente simples, que nunca tem saído de lá, celebrando batizados, casamentos, etc. Naquele tempo quase não existiam estradas, tudo era difícil, mas foram tempos de muita alegria!*” A Lena ficou impressionada com a abnegação destas irmãs missionárias.

Ao cruzarmos pelo posto de controle que dá acesso à Cubija, na Bolívia, um guarda de fronteira nos alertou de que era prudente baixar os vidros (com película), para não correremos o risco de sermos alvejados pelo exército boliviano. Cubija é capital do Departamento de Pando, a mais explosiva da Bolívia, cujo governador Leopoldo liderou o bloco contrário às mudanças constitucionais propostas por Evo Morales, motivo pelo qual ainda se encontra preso em La Paz. A população de Cubija, muito afinada com os brasileiros de Epitaciolândia e Brasília, a exemplo de Rivera/Livramento, está muito ressentida, sofrendo restrições no intercâmbio comercial, o que tem prejudicado sua economia. Primeiro o governo de Evo Morales limitou a venda de combustíveis para brasileiros, depois sobretaxou e por último proibiu.

Depois de estacionarmos numa rua comercial da região central de Cubija, perambulamos pelas lojas estilo Ciudad de Leste, onde compramos apenas um conjunto de talheres que até hoje não descobrimos em que país do Leste Europeu foram fabricados, talvez no Azerbaijão ou na Chechenia.

O jantar, neste *Dia dos Namorados* para o mundo dos castelhanos, aconteceu num restaurante de onde se podia avistar parte da cidade boliviana. Tudo por conta da ir. Marivana, a luz das velas, por força de uma interrupção casual de energia. Lembrei-me de nosso jantar com a Família Scorsatto, há exatos dois anos, na fria cidade de Perito Moreno, dia anterior ao ingresso pela Carretera Austral, depois de *Los Straviados*.



DIA 15 – DOMINGO: Brasília, Añapari, Assis Brasil – Rio Branco.

Os sinos da Igreja de São Sebastião nos acordaram para a Missa das Sete, presidida pelo Pe. Raimundo, que estudou no ITPUC/RS. Pouca gente, muitos cantos, horário impróprio.

Depois do café com *tapioca* nos dirigimos a Brasília, fundada em 1910, cidade contígua com Ipitaciolândia e Cubija. O tempo estava úmido, nublado, tendo chovido durante a noite. Uma grande placa sobre o caminho, logo na saída da cidade, nos lembrou de que estávamos na “*Estrada do Pacífico*”, rumo ao litoral peruano. Depois de andarmos pouco mais de 100 km, de uma paisagem bastante semelhante a já descrita anteriormente, chegamos a Aduana Brasileira, a mais bonita e artística que já vi, os vidros coloridos da cobertura em forma de abóbodas reproduzem as cores da Bandeira Brasileira.



Próximos a Assis Brasil



Táxis peruano

Ao cruzarmos pela *Ponte da Integração*, inaugurada pelos presidentes Lula e Alejandro Toledo, em 2006, uma placa nos acolhia: *Bienvenidos a Peru: Puerto Ilo 1.194 km, Cuzco 763 km, Lima 1.868 km, Carretera de Pacífico.*



Do quiosque de Añapari a Ponte do Lula que conduz ao Peru



esta conduz à Bolívia

Entramos no Peru sem sermos abordados por ninguém. Añapari é um vilarejo com praça central, um pequeno comércio de objetos típicos da região andina e outras quinquilharias, alguns bares, posto policial, serviço de táxi em *coches blancos* e Triciclos enlonados. Depois de adquirirmos algumas lembranças, de provarmos umas cervejas e fazermos algumas fotos da Ponte da Integração desde o “Quiosque com pinturas das efemérides peruanas”, incluindo a execução de Tupac Amaru II, retornamos à Amazônia brasileira. O almoço aconteceu no Restaurante Paraguaçu, em Assis Brasil, a 4.370 km e 14 hs de Marau. Aqui fizemos uma breve visita a ir. Maria Poff, natural de Maçanduba, SC. Assis Brasil, com pouco mais de 5 mil habitantes é conhecida como *Cidade das Três Fronteiras*, pois está localizada junto à margem esquerda do rio Acre, tendo ao sul, do outro lado do rio, a cidade de Bolbebra, em território boliviano e Añapari em solo peruano.

Na saída de Assis Brasil mais uma placa dizia: Brasília 110 km, Rio Branco 344 km,



São Paulo 3.934 km. Naquela mesma tarde retornamos para Rio Branco apanhando chuvas apenas nos primeiros 20 km de tempo nublado e agradável. E a ir. Mariavana não se cansou de descrever a paisagem e locais por onde passávamos, fazendo-nos ver, inclusive, a bela ponte que une Brasília e Cubija.

DIA 16 – SEGUNDA: Rio Branco – Pimenta Bueno – 1.060 km

Nosso primeiro dia de regresso começou com um grande susto. Até hoje não sei se fomos nós ou o velho policial e seu companheiro mais jovem. Provavelmente foram as irmãs Maddalena, Mariavana e Elaine, que ainda não haviam recolhido “os guardas noturnos”. O fato é que quando o Frei Carlos e eu nos aproximamos da Scénic para carregar as malas, eles saltaram decididos a nos abocanhar, mas recuaram indecisos, quando perceberam que os encaramos sem recuar.

A chuva, que até então nos tinha poupado, não deu trégua durante todo este primeiro dia de regresso. Às 8,45h, depois de 280 km, paramos na Balsa do Rio Madeira. A bandeirinha esfarrapada da Bolívia, lá no alto da bifurcação dos rios continuava a meio pau (encharcada). As águas turvas e correntes do *Rio*, cheias de madeiras levantadas ou derrubadas de suas margens, pareciam comprovar de que este é, de fato, um nome apropriado, *Madeira*.

Até que a terra vermelha socada nos buracos deste asfalto, fazem uma boa diferença. Mas com a chuva, acredito que não será por muito tempo. Pelo menos uma cidadezinha e outra ponte guardam vestígios dos tempos da *Ferrovía Madeira Mamoré*. Eram 11,20 hs, quando passamos pelo banheiro de um posto onde estava escrito: “*Neste lugar a vaidade se acaba. O fraco faz força e o valente caga*”.

Os dez quilômetros duplicados de entrada Sul e saída Leste de Porto Velho foram um alento. Almoçamos, abastecemos a 2,39/l e prosseguimos enfrentando muita água no asfalto até Ariquemes. Depois vieram as ondulações, montes e curvas da região de Jabú e Ouro Preto do Oeste dificultando a ultrapassagem dos muitos caminhões devido à chuva constante. Mais adiante planícies, pastagens, café, arroz ... e a Raquel, mais uma vez, dormindo o seu sono tranqüilo. O Frei Carlos continua pisando fundo, enquanto a Lena observa que a maioria das casas dos bairros, assim como as do interior, continuam sendo construídas com madeira.

De novo o Posto Policial inflacionado de motos retidas e a cidade da *tranqueira*, JI-Paraná. Depois de esperar por mais de uma hora cruzamos pela *meia ponte em construção* e prosseguimos pela estrada esburacada, passando por Cacoal até Pimenta Bueno, onde arribamos no Hotel Piritiba, o melhor de nossa viagem.

DIA 17 – TERÇA: Pimenta Bueno, Comodoro, Cáceres – CUIABÁ

Não resolveu muito levantar antes das 6hs para encher um pneu, depois de consertar uma roda entortada numa *panela* ontem à noite. Depois de um bom café, prosseguimos em meio às terras férteis e planas, ora cobertas pela mata, outras vezes com soja, milho, cana, café e arroz. A chuva ficara para trás e, em alguns trechos, a estrada possibilitava a velocidade 150/h.

“*A nossa esquerda fica a chácara Paz e Bem dos Freis Capuchinhos*, disse o Frei Carlos, pouco antes de chegarmos em Comodoro. Depois veio Nova Lacerda, montes ao longe à esquerda, planície e cerrado à direita, buracos traiçoeiros na pista, por aqui predomina a criação de gado. Mais adiante planuras em ambos os lados, belas pastagens, plantações, olarias, passagem pelos rios Branco e Guaporé e almoço em Pontes de Lacerda. Quando passamos por Cáceres eram quase 15 h. Uma placa sobre um Arco de Ferro, anunciou que estávamos no Portal do Pantanal. E vieram os bueiros ecológicos: *Vazão 1, 2...até 12* e as

sugestivas placas com uma figura de animal e os dizeres: “*Cuidado, posso atravessar!*” Enfim chegamos novamente no espigão, nos *escarpados vermelhos* da serra dos Parecis, que neste trecho chamam de São Vicente. Na parada em um posto da beira da estrada conhecemos um pé de *oité*, que tem como fruto uma espécie de cabaça utilizada na fabricação de berimbau.



De volta a Cuiabá



no dia seguinte, após uma noite de chuva

À tardinha entrávamos exaustos pela velha Cuiabá. Depois de um banho restaurador no velho Palace Hotel, jantamos numa pizzaria ali próxima na Avenida, já que nos alertaram sobre os perigos de se andar à noite pelo centro.

DIA 18 – QUARTA: CUIABÁ, Chapada dos Guimarães, Rondonópolis, São Gabriel.

Quando acordamos fiz umas belas fotos da janela do hotel e, depois do café, viajamos pelas ruas centrais da capital, que causou-nos uma boa impressão de ordem e limpeza. Felizmente o clima estava agradável, 26°C, e seguimos direto para *Chapada dos Guimarães*. Logo na saída, a poucos quilômetros da cidade, já dava para avistar ao longe uma espécie de mini-aparados, com escarpados vermelhos. Lá estava diante de nós a badalada *Chapada*, centro geodésico da América Latina, tida como fonte de energias positivas pelos esotéricos. Aos poucos nos aproximamos daqueles montes e formações rochosas espetaculares, tangendo um pouco pela direita, subindo e parando de vez em quando para melhor curtir a paisagem.



A caminho da Chapada dos Guimarães



Boca do inferno e a Lena com medo da chuva





Daqui a visão é de fato espetacular



sobre nossas cabeças Cuiabá e aos pés o Centro Geodésico

Distante apenas 60 km da quentíssima Cuiabá, Chapada dos Guimarães acolhe a todos com seu clima muito agradável. Até nossa chegada no Mirante, onde uma placa indica que por ali é o tal de Centro Geodésico, a neblina parecia que iria nos impedir de visualizar a paisagem. Mas, isso não aconteceu. Pouco tempo depois a nossa vista alcançava Cuiabá à direita e uma bela e impressionando paisagem a perder de vista à nossa frente e à esquerda. A Lena imaginou estar sobrevoando a imensa planície sob os nossos olhos. Raquel e frei Carlos desciam correndo em busca de pontos mais estratégicos, enquanto eu fazia algumas fotos e a Lena gritava com medo de que pudéssemos despencar serra a baixo.



De volta à centenária cidade de Chapada dos Guimarães, compramos algum souvenir, mel e derivados medicinais e, esquecidos de colher melhores informações, nos vimos retornando pelo mesmo caminho. Poderíamos ter voltado por outro caminho, conhecido a famosa Primavera do Leste, entre outras, evitando o perigoso tráfico pesado entre Cuiabá e Rondonópolis. O almoço foi de novo no restaurante Sinuelo, de onde das cabines *tuiú e araras* entramos em contato com nossos familiares.



A longa e cansativa jornada teve dali por diante como fatos marcantes: duas paradas por conserto da rodovia; uma mais longa por conta de um acidente, quando chegaram até nós uns *colorados de Cuiabá, originários de SC*, que viajavam até Rondonópolis para, quem diria, assistir a uma derrota inesperada frente ao União; o grito dos policiais: *Ei, vocês aí que*



estão furando a fila pelo acostamento (diversos carros, especialmente camionetes abriram um novo caminho pela terra fofa e molhada da lateral), *estão pensando que são mais bonitos do que os outros. Voltem para trás senão quiserem ser autuados.* Não era para menos, a fila de caminhões já perfazia quilômetros em ambos os sentidos. É nestas circunstâncias que a paciência e o respeito pelos demais são colocados à prova.

Vencida a tranqueira e ultrapassadas as filas de caminhões, sobretudo depois de Rondonópolis, o caminho ficou mais livre e voltamos a acelerar tentando, em vão, chegar até Campo Grande. Às 23 hs, que seriam 24, encostamos no Hotel Por do Sol (da meia-noite), em São Gabriel.

DIA 19 – QUINTA: S. Gabriel (MS) a Marau – 1.300 km

Antes de nos entregar aos braços de *Morfeu*, o frei Carlos sugeriu despertar cedo para podermos viajar direto até Marau. Para serenar os ânimos da Lena, adiantamos nossos relógios, inclusive o da Scénic, e minutos antes da meia-noite estávamos em casa.

Cruzamos por Campo Grande, entrando na cidade por engano, no clarear do dia. As primeiras centenas de quilômetros foram de euforia, pois a paisagem rica em plantações despertava comentários positivos sobre a região. O café aconteceu num dos Postos da rede Aldo Locattelli. Uma maravilha de limpeza nos banheiros e muita organização nos setores de alimentação e demais serviços. Mais adiante o cansaço foi contagiando a todos e o silêncio começou a vigorar. Não muito distantes de Navarai, uma placa anunciando a distância de Guairá, fez com que alguém deixasse escapar essa: *Ainda bem que já estamos próximos do Brasil!*

Depois do almoço na abafada Guairá, seguimos para Toledo, contornamos lentamente Cascavel e prosseguimos pelo mesmo caminho da vinda, por Chapecó, onde jantamos, até chegarmos sãos e salvos na nossa “*Marau bendita*”. A Lena estava exausta, por diversos dias ficou atormentada pelos perigos da viagem, pelos caminhões, pelas curvas, pela estrada que parecia não ter fim. Disse que por seis meses não quer mais ouvir falar em viagens distantes.



“Brasil a vista” – sobre o Lago de Itaipu



De volta a “floresta” de nossa casa

De Assis Brasil a Marau fizemos 4.489 km, menos os 130 km da ida e volta da Chapada dos Guimarães, podemos dizer que estivemos a 4.360 km de nossas casas. Ao todo foram 8.740 km em dez dias de uma viagem um tanto atropelada, mas muito instrutiva, sem dúvida.



Ao frei Carlos ótimo companheiro de viagem, devo a satisfação de mais esta aventura. Agora podemos dizer que conhecemos um pouco mais dos estados do oeste brasileiro. A próxima viagem será pelo Nordeste, mas isso só quando Lena e Raquel estiverem dispostas a fugir do frio em tempo de inverno.

De Marau a Assis Brasil/Añapari– *Estrada do Pacífico* – Acre/Peru
Frei Carlos Jaroceski, Lena, Raquel e Ignacio Dalcim
De 10 a 20 de Fev 2.009.





[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Poucos se aventuram numa viagem pelo oeste do Brasil, percorrendo as estradas dos Estados do Mato Grosso, de Rondônia e Acre. No entanto, esta é uma viagem que reserva surpresas interessantes e ainda pouco conhecidas da maioria dos brasileiros. Se você tiver um pouco mais de tempo – além de conhecer Chapada dos Guimarães, a Xapori de Chico Mendes, e dezenas de outras cidades florescentes impulsionadas pelo agro-negócio, especialmente pelo plantio de soja – você poderá visitar Bonito e usufruir de múltiplos atrativos da natureza no seu entorno.

O autor

